

UMA COMUNIDADE UNIDA PELA COMUNICAÇÃO E IMAGINAÇÃO¹
A comunidade Yuba e sua relação com o ciberespaço

André Luis Nakamura²

Resumo

Este artigo é resultado parcial da pesquisa, por observação, sobre os impactos causados com a instalação de um link de internet em um grupo social fechado. Como objeto de pesquisa foi escolhida a Comunidade Yuba. Para a base acadêmica deste tema serão utilizados os seguintes autores: Georg Simmel (território e transmissão cultural), Norbert Elias (civilização, indivíduo e trabalho), Marcel Mauss (dádiva), Zygmunt Bauman (relação afetiva), Emile Durkheim (relatividade social), Milton Pelegrini (mídia e tempo) e Edilson Cazeloto (inclusão digital).

Palavras-chave: Comunicação; Comunidade; Ciberespaço; Informatização e Inclusão Digital

INTRODUÇÃO

A Comunidade Yuba começou sua colonização em 1924. Este sonho teve início durante encontro entre os imigrantes japoneses Shigueshi Nagata e Shungoro Wako. O principal objetivo era oferecer uma imigração permanente e o assentamento de jovens japoneses no Brasil em um núcleo que se chamaria Aliança. Ao tomar conhecimento da notícia, Isamu Yuba resolveu vir ao Brasil com mais 10 membros de sua família. Em 1933, ele decide iniciar a construção da Fazenda Yuba, onde integraria os valores da cultura japonesa com a sua ideologia de “Cultivar, rezar e amar as artes”, atraindo companheiros que compartilhavam do mesmo ideal. Assim inicia-se, em 1933, a comunidade Yuba.

Famosa até hoje por conservar os mesmos ideais de Isamu Yuba, seus membros cultivam a terra, oram e amam as artes. Todos esses valores culturais resistiram a diversos eventos como a segunda guerra mundial, a necessidade de mudança territorial e até a uma falência financeira. Mesmos tais eventos não foram capazes de dispersar a comunidade, o que despertou o interesse acadêmico no sentido de compreender os mecanismos de vínculos e desvínculos em uma comunidade fechada.

¹ Texto original, como recebido pela coordenação do Interprogramas.

² Universidade Paulista – UNIP, Comunicação. alnakamura11@hotmail.com

Este artigo é uma apresentação parcial do início de um trabalho sobre a estabilidade econômica e sócio-cultural desta comunidade, dos seus membros e da reação à inclusão digital.

DESENVOLVIMENTO

2.1 A escolha do objeto

2.1.1 A escolha do objeto de pesquisa e sua consolidação:

Sob a orientação do Professor Dr. Milton Pelegrini com a participação do Professor Dr. Edilson Cazeloto, ambos professores titulares do curso de mestrado na Universidade Paulista – UNIP, a Comunidade Yuba foi escolhida por ser um grupo social fechado.

A fonte inicial de informação sobre a comunidade foi apresentada pelo Professor Dr. Milton Pelegrini por meio de artigos em sites, complementados por uma reportagem publicada no jornal O Estado de São Paulo, no dia 25 de abril de 2010, edição de domingo, caderno Cidades/Metrópole C5.

O e-mail da fotógrafa Lucille Kanzawa, responsável pela matéria fotográfica sobre a Comunidade Yuba, foi conseguido por meio de um contato do portal Viaje Aqui. Em 22 de março de 2011, após troca de e-mail com a fotógrafa, foi obtido o contato da relações públicas da Comunidade Yuba, Sra. Satiko Yuba, esposa do presidente do grupo, Luiz Tsuneo Yuba.

2.2 A autorização e os preparativos para a pesquisa:

O primeiro contato com a comunidade foi feito por telefone com a Sra. Satiko Yuba no dia 2 de abril de 2011, no qual foi solicitada uma autorização para permanência temporária dentro da comunidade.

Os principais questionamentos foram quanto aos reais propósitos da visita, detalhadamente explicados: a intenção de natureza acadêmica em conhecer uma

7º Interprogramas de Mestrado

comunidade com tradições, valores e modelo econômico e cultural muito específicos, que persistem e são seguidos por seus membros.

Autorização obtida, ficou combinada a entrada na comunidade no dia 2 de maio de 2011, com saída no dia 7 de maio de 2011.

A intenção inicial não foi a de buscar informações que descrevessem de modo profundo a Comunidade Yuba. Tal fato deveu-se à lógica de não fazer uma leitura antecipada do objeto de pesquisa, o que, em tese, poderia distorcer a visão crítica.

2.3 A comunidade Yuba

Durante a estruturação³ da Comunidade Yuba, ocorreram muitos eventos que poderiam ter dispersado seus membros, porém tais acontecimentos levaram o grupo a reagir de inúmeras maneiras, todavia os vínculos que manteriam sua identidade social não foram desarticulados. Tais vínculos têm uma particularidade muito específica: a constituição demográfica da Comunidade Yuba, formada apenas por japoneses ou descendentes que decidiram seguir a ideologia de Isamu Yuba, uma mistura de cultura milenar japonesa com outras variáveis – como um modelo econômico específico e de micro-ambiente que se consolida em um território limitado aos seus membros. Outro aspecto é sua peculiar expressão religiosa, artística e econômica. Quanto à religião, o principal ritual diário é fazer um minuto de silêncio antes do almoço e do jantar para agradecer e refletir sobre os eventos do dia. A expressão artística tem como principal base o Balé Yuba. Por sua vez, o aspecto econômico segue, desde sua fundação, os mesmos ideais: retirar da terra tudo que for necessário para a sobrevivência. Todos os membros trabalham em torno de um único objetivo, ou seja, o de cultivar a terra e, por meio de seus frutos, atender as necessidades dos membros da comunidade, que devem ser supridas seguindo um modelo horizontal, no qual todos recebem os benefícios em igual proporção. O comprometimento do membro é oferecer o seu melhor potencial produtivo, direcionado de acordo com o que cada um pode fazer, não cabendo mérito ou demérito ao se levar em conta a maior ou menor capacidade de produção. Tampouco a maior cooperação implica em benefícios diferenciados, pois o excedente se dissolve na manutenção de membros sem capacidade produtiva.

³ A fim de interpretar melhor como se dá a estrutura de uma variável social foi utilizada a obra, A Sociedade dos Indivíduos – Norbert Elias.

7º Interprogramas de Mestrado

(Observação: Simmel⁴ traz para a discussão o aspecto sobre a formação social na qual a reciprocidade pode constituir uma unidade permanente ou passageira. Também é possível relacionar Simmel com Pelegrini⁵ no momento em que associamos reciprocidade e tempo, na qual Pelegrini discursa sobre os sentidos do vazio que se preenchem pelas convenções sobre o tempo.)

A formação social da Comunidade Yuba oferece um espaço no qual o tempo cronológico não é determinado pelas ferramentas de mídia, ou seja, o tempo não se estabelece a partir de eventos de corte que o entretenimento midiático oferece. A comunidade tem como referência de tempo os marcadores sociais da própria interação entre seus membros, em tese, são os momentos de cultivar a terra, de colher, orar, alimentar-se, dedicar-se às artes e das reuniões que determinam o relógio social. O corte cronológico específico é uma variável que, em tese, pode prolongar o espírito de reciprocidade, pois este tem como eixo suas próprias referências⁶ que seguem um modelo ancestral, que não têm como referência ocorrências determinadas em cortes que a mídia oferece, supostamente criando uma necessidade de urgência. Interpretar como corte midiático eventos que envolvem o coletivo da mente social em acontecimentos marcantes – tais como toda e qualquer veiculação midiática – até podem ser observadas pelos membros do Yuba, mas não incorporam suas rotinas sociais. O modelo seguido pelos membros da comunidade privilegia o bem comum, e este bem comum ocorre em seu micro-ambiente.

No sentido de preservação da estrutura da Comunidade, suas regras acabam por se tornar um grande problema na continuação de sua existência. Atualmente, todos os 52 membros – o limite máximo alcançado foi de 300 indivíduos –, são parentes consanguíneos, e em tese, pelas convenções sociais e por questões biológicas, não é mais possível aumentar o número de membros, já que qualquer laço matrimonial ocorreria entre parentes. Questionada quanto à redução do número de integrantes, a relações públicas

⁴ SIMMEL, Georg. Sociologia, 1983 – p.48 §1

⁵ PELLEGRINI, Milton. **Seminário avançado: Os Sentidos do vazio nas realidades midiáticas**, São Paulo, 2011.

⁶ CAZELOTO, Edilson, menciona no III Simpósio Nacional da ABCiber, a questão da identificação baseada em outros indivíduos, e a multiplicidade proporcionada pela virtualização;

7º Interprogramas de Mestrado

Satiko Yuba responde validando uma observação de Simmel⁷. Segundo ela, alguns membros encontraram pares fora da Comunidade, e essas pessoas ou não eram descendentes de japoneses ou não concordavam com o modelo social, ocorrendo uma dificuldade bilateral. Outros indivíduos saíram para estudar e decidiram nunca mais voltar. Ratificando o pensamento de Simmel, o oposto também ocorreu. Em épocas de dificuldades financeiras, uma das integrantes, Mitsue Yuba, atualmente responsável pela área de artesanato, decidiu trabalhar no Japão, permanecendo naquele país por alguns anos (não especificados). Durante o período, ela ajudou na recuperação das finanças do Yuba. Outros membros (que optaram pelo anonimato) tomaram a mesma atitude. Tais exemplos validam a observação de que quando uma comunidade não recebe influências de eventos exteriores, pode ser arrebatada por seu próprio isolamento. A leitura feita desses determinados fatos é de que os membros que, em tese, estivessem vivendo sob regras muito específicas, sem receber influência direta de costumes exteriores, acabariam por se desvincular da Comunidade em certo momento. Por outro lado, membros arrebatados por eventos marcantes, ao ver a Comunidade em dificuldade financeira, foram capazes de viver diante de um modelo social diferente, embora culturalmente parecido, e retornar para o local dando continuidade aos seus compromissos diante do coletivo.



Mitsue Yuba e suas obras.

⁷ SIMMEL, Georg – Sociologia, 1983 – p.54 §1 e 2 - Simmel menciona a fragilidade do sistema sem referências externas, e por outro lado. A integração gerada pela superação das dificuldades que envolvem o grupo.

7º Interprogramas de Mestrado

2.3 Manutenção dos valores culturais

A Comunidade Yuba pode ser denominada como fechada: os aspectos que conferem esta particularidade são, em princípio, a formação por uma etnia específica e seu idioma. Os membros são japoneses e descendentes que têm sua vida social toda constituída dentro e através da comunidade, no trabalho, nas relações interpessoais diárias, na refeição coletiva, na oração e em artes específicas, como o balé Yuba. Seus membros seguem a ideologia do fundador, Isamu Yuba. No cotidiano, é comum presenciar gestos que são um resgate da cultura japonesa. Pode-se utilizar as falas de SIMMEL⁸ quando se trata da questão de transmissão cultural. Fica claro que dentro da comunidade Yuba há todo um cuidado para que os hábitos da cultura japonesa, assim como as ideologias iniciais de seu fundador, não se percam ao longo do tempo. A manutenção da cultura é feita no dia a dia. Por exemplo, a utilização do idioma japonês e a reverência antes de iniciar uma refeição, quando a palavra “itadakimassu” – palavra de origem budista em agradecimento ao alimento, utilizada até os dias atuais no Japão – é pronunciada por todos, expressando a manutenção da cultura da terra mãe, o Japão. A oração que acontece sob a forma de um minuto de silêncio é mais uma das ideologias do fundador.



A oração antes da refeição

Observa-se no gesto da alimentação a união de dois valores que constituem um dos traços culturais do Yuba: a cultura japonesa e a ideologia do fundador, um dos muitos rituais que utilizam memórias de uma cultura unidas à ideologia de Isamu, dando forma a uma cultura própria, um acultramento. A permanência dessa cultura típica na Comunidade Yuba é possível devido a um filtro para a entrada no local. Há dois tipos de permissão: um

⁸ SIMMEL, Georg – Sociologia, 1983 – p.55 §2

7º Interprogramas de Mestrado

para entrada temporária, como a do pesquisador; outro para entrada definitiva, como membro:

A permissão temporária sugere que o entrante tenha conhecimento da língua e da cultura japonesa – este é o filtro primário, feito por Satiko Yuba, relações públicas da comunidade. É ela quem media os contatos oficiais entre os membros da comunidade e os visitantes. Após a autorização de entrada, o próximo filtro é automático, deixando subentendido que o membro temporário siga as convenções internas pertinentes à cultura do grupo. O primeiro gesto de incorporação é a adesão ao trabalho na lavoura e/ou atividades dentro de outra área da comunidade que demande mão de obra. A divisão de trabalho é determinada segundo a capacidade física do visitante.

Durante o processo há uma interação automática aos hábitos e métodos aplicados na comunidade. Pode-se mencionar a fala de Milton Pelegrini⁹ em relação ao tempo: a noção cronológica passa a ser um determinante na relação com o grupo, que se dá ao passo em que o convívio entre membros é intensificado no processo produtivo, que ocorre sem interferência de ruídos externos ao meio social que molda a Comunidade. O trabalho com e entre os membros passa a ser um gesto de cumplicidade na medida em que o resultado desse trabalho é convertido em uma divisão horizontal entre os trabalhadores, pois há para todos os membros, e em igual proporção, alimentação, moradia, vestimenta, acesso ao lazer e às artes.

Para o aspecto da cumplicidade determinada pela produção cooperada, efetivada pelo processo de doação do tempo produtivo, é possível citar uma das obras de Mauss¹⁰, na qual o autor menciona a dádiva como dívida pelo gesto da retribuição, compreendendo-se que o ato de doar algo de si sob a forma material ou imaterial, de maneira a esperar ou não uma retribuição, gera, conforme as pesquisas de Mauss, uma necessidade de ver o gesto retribuído, o que pode vir na forma do coletivo ou do individual. Pode-se observar este sistema agindo na cultura Yuba, quando todos os membros trabalham no máximo de sua capacidade de produção e nenhum deles recebe mérito diferenciado em relação ao outro,

⁹ PELEGRINI, Milton. **Seminário avançado: Os Sentidos do vazio nas realidades midiáticas**, São Paulo, 2011.

¹⁰ MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia* – p.250

7º Interprogramas de Mestrado

seja por maior ou menor capacidade de oferecer algo para o todo. A oferta em si determina o valor do papel social do membro. O máximo é ofertado e também o máximo é esperado sem que haja, em tese, um questionamento do doador que, em contraponto, é também o donatário. Tal relação fortalece a união do grupo sob o aspecto da cadeia produtiva, que mantém as bases econômicas da comunidade.

A segunda entrada, como membro definitivo da Comunidade, é analisada por um conselho, presidido por Luiz Tsuneo Yuba, e que tem entre seus membros Satiko Yuba. A exigência básica é a de que o candidato seja de etnia japonesa, tenha conhecimento do idioma e da cultura nipônica, e esteja disposto a viver sob as regras internas da comunidade, onde a base de sustento é a lavoura e o trabalho em todas as linhas em que há demanda para a cadeia produtiva no cultivo, na qual o membro ofertará sua força de trabalho ciente da distribuição horizontal, que privilegia a não remuneração financeira do trabalho substituindo-a pelo direito de beneficiar-se de toda a estrutura da comunidade para manter suas necessidades primárias e secundárias (estas analisadas e votadas em conselho) durante sua vida como membro da comunidade. Moradia, educação, higiene pessoal, saúde, alimentação, vestuário, diversão e subjetivas necessidades específicas são garantidas pelo fruto do trabalho coletivo e em distribuição igualitária.

CONCLUSÃO

Serão utilizados os estudos de Norbert Elias para compreender, sob sua ótica, como é interpretada a individualidade de um personagem social. O processo civilizador permite a transmissão cultural, comportamental e todos os méritos através dos quais o homem sai de seu estado animal e rústico para tornar-se um indivíduo aculturado. O acúmulo de experiências e a transmissão cultural têm como principal suporte a comunicação, seja ela por meio de idioma ou de artefatos, formas, sons, obras etc. Estes compõem todo um “arsenal” que norteia uma identidade cultural específica. Há toda uma história de um grupo entre estes suportes da comunicação. Além de toda essa carga ou herança de valores, o indivíduo também estabelece seus critérios a partir de heranças genéticas, que segundo Norbert são mais uma variável na dinâmica do indivíduo em absorver mais um aspecto de

7º Interprogramas de Mestrado

determinada cultura em detrimento de outro, assim como desenvolver novas variáveis comportamentais partindo do aprendizado e de sua capacidade intelectual.

Quanto à vida em comunidade, a princípio oferece um espaço comum para os hábitos cotidianos, onde há uma relativa segurança quanto ao processo de construção ontológica do indivíduo. Podemos destacar que a previsibilidade, sob o aspecto das interações sociais, retira em tese a ansiedade pelo inesperado e/ou inexplicável, levando o indivíduo à percepção de uma cumplicidade mútua.

O espaço comunitário oferece um ambiente propício para a propagação, sem muitos ruídos, da cultura do grupo e de uma dinâmica muito horizontal. Pode-se interpretar que o senso coletivo é forte entre membros de grupos pequenos pela proximidade entre os indivíduos. Isto permite a cada participante desse tipo de comunidade conhecer-se mutuamente nos processos de colaboração para manutenção do conjunto. O entendimento sobre as responsabilidades de cada integrante é estreito e permite que um desvio comportamental possa ser imediatamente identificado e censurado antes de afetar o funcionamento do sistema, retirando um possível individualismo. Aqui vemos claramente os mecanismos citados por ¹¹Zygmunt Bauman. Há um controle sobre os gestos individuais em prol da harmonia coletiva e a tensão gerada pela insegurança toma espaço na ansiedade causada pelo constante policiamento das ações.

Durkheim aponta a importância da insatisfação do indivíduo no processo de desenvolvimento dos modelos sociais. A dinâmica aplicada em uma comunidade limita o senso de insatisfação. Pois o convívio maior se dá entre os membros do grupo, subtraindo grande parte das referências externas que levariam o indivíduo a questionar sua posição social mediante outro modelo de vida.

O crescimento, sob um dos pontos de vista capitalista, cria a especialização profissional, que aumenta a demanda por mão de obra e determina ao indivíduo uma atividade na qual este engessa a sua personalidade. A função profissional passa a ser uma das variáveis da identidade forçando uma especialização contínua para que a posição social do indivíduo se mantenha ou tenha ascensão dentro da lógica capitalista – tomando como

¹¹ BAUMAN, Zygmunt, em seus apontamentos sobre a tomada da liberdade em prol da segurança, na obra “Comunidade”.

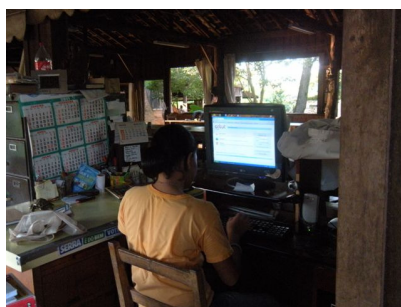
7º Interprogramas de Mestrado

crítica o fato de que o trabalho especializado, em tese, é estimulado para que o indivíduo, após atender suas necessidades básicas, se esforce no sentido de aumentar suas posses, sejam elas de ordem material ou imaterial, ou seja, crescer socialmente. Observamos que para esse crescimento é necessário um esforço contínuo na defesa do espaço profissional, causando um estresse previsível. O sistema, que necessita da demanda e de especialização do trabalho, também força uma segregação social para que existam pontos de referência quanto ao significado de ser ou não bem sucedido, dessa forma criando indivíduos com sede de crescimento social relativo. Deve-se ressaltar que esta não é uma exclusividade gerada pelo sistema capitalista, apenas apropria-se de uma mecânica da mente humana para alimentar a sua dinâmica de produção. O ser humano busca um motivo para sua própria existência segundo a complexidade da sociedade na qual ele habita. Tal busca caminha ao lado da satisfação, do prazer e do bem estar social. Esta é apenas uma reflexão utilizando uma das obras de Durkheim – *A divisão do trabalho social* -, e seu objetivo é exemplificar de modo simplista um dos sentidos de valores que impulsiona o indivíduo na opção, quando esta cabe, ao convívio de um modelo social em detrimento de outro. Assim pode-se refletir sobre o indivíduo vivendo em comunidade e quais as implicações decorrentes desta escolha.

As observações iniciais sobre a Comunidade Yuba apontam que a seleção do perfil de seus membros é um aspecto que auxilia na manutenção dos valores culturais mantidos desde sua constituição. Nota-se um sistema que também reforça a tese de Simmel quanto ao poder do *pequeno grupo* em manter-se sob um determinado sistema social. No caso da Comunidade Yuba, a perpetuação das regras para sua manutenção sócio-cultural e econômica, imprescindível para a existência da Comunidade física e culturalmente, tem um ponto de equilíbrio muito tênue, no qual o estreitamento excessivo do número de membros pode causar um colapso devido a não propagação da cultura. Em contraponto, o excesso de membros pode exceder a capacidade produtiva das fronteiras territoriais de onde o sustento é retirado na forma do cultivo, gerando demanda por mais território e sucessivamente por mais mão de obra e, em tese, a especialização até ao ponto de sair da posição de *pequeno grupo*.

7º Interprogramas de Mestrado

Ao levar em consideração a força de influenciar hábitos e valores da qual o ciberespaço tem provado ser capaz, é possível tomar como base Cazeloto¹². Citando como exemplos o Facebook e o Orkut – utilizados em massa como meio de interação no qual *comunidades virtuais* são constituídas por inúmeros usuários –, presenciamos uma jovem¹³ moradora da comunidade fazendo uso de uma destas plataformas de comunicação, o Orkut. Esta jovem menciona que “a internet é boa para falar com os amigos”.



Jovem utilizando o Orkut

Observa-se um sistema iniciando a coexistência com um grupo social. Se as gerações anteriores à inclusão digital interagiam diretamente com a cultura vizinha por meio de sazonais saídas da comunidade, hoje tal interação fica mais intensa quando o ciberespaço ocupa a comunidade através de um link de internet. Vale também considerar que as mídias escritas, televisivas e radiofônicas não trouxeram muito impacto no cotidiano da comunidade. Apesar de presentes desde a formação da atual geração, esta segue plena nas ideologias do grupo. O que estamos presenciando é um evento totalmente novo no exato momento em que ele ocorre. A primeira percepção é de uma razoável mudança nas interações sociais. A presença de usuários de internet na comunidade é grande, dando-se após o expediente produtivo. Jovens ficam “isolados” diante do notebook e de um PC comunitário.

¹² CAZELOTO, Edilson – Menciona em sua obra, A inclusão digital e a reprodução do capitalismo contemporâneo, a interferência da inclusão digital nas bases interações sociais, trabalho, artes. Enfim, nos aponta a cibercultura como possível “ruído” em uma cultura estabelecida.

¹³ A moradora chama-se Lana Yuba, tem 14 anos e frequenta o ensino médio de uma escola pública próxima à comunidade.

7º Interprogramas de Mestrado

Até o momento deste artigo, as atividades artístico-culturais não haviam sofrido impacto, e a rotina de horários estava sendo mantida. Todavia, o ruído da internet mostrava-se presente entre o tradicional coral¹⁴. Enquanto os mais velhos cantavam e participavam como platéia, alguns jovens faziam uso do computador, em tese isolando-se do ambiente cultural tradicional.

Vale mencionar que para a Comunidade Yuba a perda de sua herança ideológica daria um novo significado para o grupo – e o atual significado da comunidade é a principal base de sua existência, seja pelo reconhecimento da sociedade ou pela identidade que une seus membros.

Ainda não é possível determinar se a inclusão digital pode oferecer algum tipo de ameaça à conservação de valores culturais específicos em sociedades fechadas, ou se estes dois sistemas podem interagir sem que existam perdas. O que temos de sólido é o surgimento de uma nova variável no comportamento da rotina social na Comunidade Yuba: o compartilhamento do tempo livre dos jovens dentro do ciberespaço afastando-os sutilmente de suas raízes.

¹⁴ Coral coletivo, tradicional na comunidade, no qual seus membros reúnem-se em algumas noites da semana, para junto cantarem no idioma japonês, ao som do piano.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

CAZELOTO, Edilson. **A inclusão digital e a reprodução do capitalismo contemporâneo.** São Paulo, 2007

CAZELOTO, Edilson. **A virtualização das comunidades:** Apontamentos para uma crítica dos vínculos sociais no capitalismo contemporâneo. III Simpósio Nacional ABCiber, 2009.

DURKHEIM, Emile. **A divisão do trabalho social.** Lisboa, Editorial Presença.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo, Cosac Naify, 2003.

PELEGRINI, Milton. **Seminário avançado: Os Sentidos do vazio nas realidades midiáticas,** São Paulo, Universidade Paulista, 2011.

SIMMEL, Georg. **Sociologia.** São Paulo, Ática, 1983.